

A CENOGRAFIA DO DISCURSO RELATADO: REFLETINDO O APROVEITAMENTO MÚTUO DE TEORIAS

Paulo Eduardo Aranha de Sá Barreto Batista *
Ana Cristina de Sousa Aldrigue **

Resumo

Refletiremos sobre duas teorias neste texto: a encenação, proposta por Dominique Maingueneau (1997 [1987]; 1996 [1990]; 2005 [1998]; 2006), e a heterogeneidade enunciativa, proposta por Jacqueline Authier-Revuz (1982; 1998), além dos pontos de intersecção entre ambas para um estudo dentro da perspectiva dialógica da linguagem na área discursiva. Nossa reflexão se direciona, principalmente, para a inclusão das cenas – englobantes, genéricas e cenografias – como elementos da Situação Discursiva (SIT) tanto de discursos comuns quanto em discursos relatados. Assim, buscamos tal conexão nas leituras dos próprios membros do círculo bakhtiniano: o próprio Mikhail Bakhtin (2003 [1979], além de Voloschinov (2006 [1929]).

* Universidade
Federal da
Paraíba

** Universidade
Federal da
Paraíba

Palavras-chave: Enunciação, Discurso, Cenografias.

Introdução

O dialogismo sugerido pelo Círculo de Bakhtin é estudo presente em tendências contemporâneas das ciências da linguagem. A *metalinguística*, proposta pelo filósofo russo, é denominada por alguns pesquisadores de *teoria dialógica do discurso*. O reconhecimento constitutivo do outro como formador do sujeito e do discurso, além da circulação discursiva, são princípios básicos que norteiam esta área específica de pesquisa.

Além das releituras de Benveniste e de Lacan, Authier-Revuz (1982) inclui o pensamento bakhtiniano na sua obra, a partir da concepção de dialogismo, trazendo ainda mais a obra de Bakhtin para a perspectiva francesa de estudos discursivos. Não à toa, Maingueneau

(1997 [1987]) bebe dessa fonte, ainda sob a influência dos *jogos de imagens* de Michel Pêcheux (1969), das *formações discursivas*, de Foucault (1987 [1969]), da semântica enunciativa, de Ducrot (1984), e passa a estudar o discurso sob o prisma da encenação que há em torno dele.

Ancorados nessas perspectivas – não conflitantes – refletiremos sobre os pontos de intersecção de ambas, atentando que, tal qual os discursos comuns, os discursos relatados são compostos de cenas englobantes, de cenas genéricas e de cenografias.

A heterogeneidade enunciativa

Authier-Revuz (1998, p.14) propõe que, nos enunciados, o dizer, em seu desenrolar, representa-se como não falando por si e que a enunciação se





desdobra como um comentário de si mesma, ou seja, ela busca fontes dentro de si.

A relação com o Outro é o que constitui o dialogismo. O Outro é o discurso pelo qual um certo discurso se constitui em uma relação de aliança, de embate e de neutralidade aparente (CARDOSO, 1999, p.64). É aquilo que faz falta ao discurso, mas apenas sistematicamente, pois foi sacrificado pelo mesmo, para que se construísse a identidade dele.

Há, portanto, algo que atravessa as formações discursivas (FDs) – conceito de Foucault (1987[1969]) – e, conseqüentemente, os enunciados. Trata-se de outros discursos, que, em uma “rede de formulações”, cruza-se em dois eixos, denominados por Courtine (*apud* MAINGUENEAU, 1997 [1987] p.115), e assim ganham sentido. Um eixo é o vertical, que é do pré-constituído, do domínio da memória; o outro, o horizontal, é responsável pela linearidade do discurso e oculta o primeiro, pois o sujeito enunciativo absorve ilusoriamente o pré-constituído imposto pela formação discursiva, ou seja, no primeiro, os discursos estão atravessando-se e, no segundo, estão ocultos como se fossem apenas um.

Esses discursos atravessadores podem ser definidos como um só: o interdiscurso. Trata-se de um processo de reconfiguração incessante em que uma formação discursiva é levada a incorporar elementos pré-constituídos – produzidos fora dela – que provocam sua redefinição e redirecionamento, suscitando a invocação de seus elementos, para organizar sua repetição, mas provocando, eventualmente, o esquecimento ou até a eliminação de alguns deles (MAINGUENEAU, 1997 [1987], p.113). Dessa forma, a construção interdiscursiva incorpora percursos temáticos e figurativos, mas, para repeti-los, – com transformações e não como meras cópias – pode esquecê-los,

deixando poucas marcas. A eliminação delas diz respeito à atividade do eixo horizontal linear sobre o vertical de domínio da memória.

Authier-Revuz (1982) pontuou que a heterogeneidade constitutiva é um princípio da linguagem, mas que pode ser apresentado nela. Este segundo tipo é a heterogeneidade mostrada, que se divide em duas: a marcada, com marcas tipográficas unívocas (aspas, travessão, fontes itálicas, glosas etc.), e a não-marcada, perceptível, só que menos classificável, constitui-se de formas “puramente interpretativas” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.143), como as ironias, as citações escondidas, os jogos de palavras.

O discurso relatado

O discurso relatado insere-se nos dois tipos de heterogeneidade mostrada. O primeiro, grupo dividido por Authier-Revuz (1998, p.143), é o dos *modos unívocos de se representar um discurso* outro, ou seja, com a ajuda das formas do sistema da língua. São eles: o discurso direto (doravante DD), o discurso indireto (doravante DI) e a modalização em discurso segundo. A linguista ainda destaca outros dois grupos: o das formas marcadas que exigem um trabalho interpretativo, ou seja, as aspas, os itálicos e a entonação da modalização autonímica; o outro grupo é o das formas puramente interpretativas, em que se inserem o discurso direto livre (doravante DDL) – bastante recorrente no gênero jornalístico –, o discurso indireto livre (doravante DIL) – mais comum em gêneros literários –, além das reminiscências e alusões.

Discordamos profundamente das concepções tradicionais acerca do discurso relatado, as quais postulam que o DD teria um funcionamento simples no plano sintático e objetivo no plano semântico-enunciativo, que o DI seria uma forma subordinada daquele, apenas com regras de transformação de



peças e tempos, e o DIL, um DI suavizado pela supressão do subordinante e caracterizado como uma mistura de DI e DD.

Volochinov (2006 [1929] p.150) diz que “o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, o discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação”. Ancorada nisso e em todo o princípio dialógico da linguagem, Authier-Revuz (1998) nos traz que, na dinâmica do discurso relatado existe efetivamente, uma enunciação relatora (E) e uma enunciação relatada (e). Os elementos abreviados em letras minúsculas são do domínio de e, enquanto que os que estão grafados em maiúsculas são de E. Logo, há enunciadores (L e l), interlocutores – ou enunciatários, ou co-enunciadores – (R e r), mensagens (M e m), situações de enunciação (SIT e sit), tempo (T e t), entre outros itens. Em E, está inserido todos os demais elementos, mais precisamente em SIT estão e e as outras entidades aqui abreviadas minuscilmente.

De acordo com Maingueneau (1996 [1990], p. 104), é impossível pôr, em DI, numerosos elementos que figuram em DD: onomatopéias, interjeições, vocativos, exclamações, enunciados inacabados ou em língua estrangeira etc. Isso já quebra a tese de que eles seriam transcrições um do outro. Volochinov (2006 [1929]. p. 164) é ainda mais contundente:

A transposição palavra por palavra, por procedimentos puramente gramaticais, de um esquema para o outro, sem fazer as modificações estilísticas correspondentes, é nada mais que um método escolar de exercícios gramaticais, pedagogicamente mau e inadmissível.

Acerca do DD, Authier-Revuz (1998, p. 134), observa que ele é mais complexo sintaticamente que o DI e também que

não é objetivo. Enquanto o DI se constitui, aparentemente, de uma forma fixa: enunciado citado em forma de objeto direto oracional subordinado ao enunciado citante, tendo um verbo *dicendi* e um complementizador iniciando-o (Exemplo clássico: Ele disse que...), o DD é, segundo a autora, uma anomalia sintática: o objeto direto nem é genérico nem é oracional, é um enunciado, muitas vezes, precedido por dois pontos, ou simplesmente jogado justaposto a um enunciador citante introdutor. Sobre a outra observação, ela comenta que reproduzir a materialidade textual exata (os mesmos significantes) não é o mesmo que restituir o ato de enunciação, ou seja, as palavras e expressões podem ser recuperadas tais quais foram ditas ou escritas, mas o processo que gerou sentido a elas não será, pois é único. Com isso, temos aqui novamente a diferença entre enunciado e enunciação. Enquanto esta é irrepitível, um processo de construção de sentido sem uma fonte única geradora nem um fim estabelecido para o significado, aquele é a forma linguística recuperável.

A encenação enunciativa

Qualquer que seja o texto, ele não é “um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é *encenada*” (MAINGUENEAU, 2005 [1998], p.85). Com efeito, um enunciador, durante o processo do ato enunciativo, concebe um lugar para si, para sua enunciação. Ele engendra – e deixa engendrar – cenas que compõem o discurso. Assim, a propaganda, por exemplo, é um tipo discursivo que se constitui cena para um discurso. Para se efetuar como tal, precisa de sua realização em gêneros discursivos específicos: o panfleto, o vt, o anúncio em revista etc. Além disso, ela tenta ser sedutora, logo uma das grandes características dela é não se passar por tal, ou seja, uma propaganda de produto emagrecedor pode ser encenada como uma dica ou receituário de um médico, ou como uma





conversa de uma amiga ao telefone. Uma propaganda política de guia eleitoral gratuito – até pela sua fama de maçante – também não quer se passar por tal, logo se pode criar um cenário de *talk show*, ou de telejornal, em que o discurso do candidato é encenado como um bate-papo entre pessoas simples etc.

O enunciatório depara-se com três cenas: cena englobante, cena genérica e cenografia (MAINGUENEAU, 2005 [1998], p. 86-87).

A cena englobante atribui ao discurso um estatuto da língua em seu uso social, (MAINGUENEAU, 2006 [2002], p.67) integrando-o a um tipo: publicitário, pedagógico, esportivo, administrativo, filosófico, poético. De fato, assemelha-se com as formações discursivas (FDs), ditas por Foucault (1987 [1969]), já que estas são as grandes unidades históricas que os enunciados constituem, portanto, a medicina, a Igreja, a economia etc. geram tipos, cenas englobantes, conforme diz Maingueneau (2005 [1998], p. 86):

A cena englobante é a que corresponde ao *tipo de discurso*. Quando recebemos um folheto na rua, devemos ser capazes de determinar a que tipo de discurso ele pertence: religioso, político, publicitário etc., ou seja, qual é a cena englobante na qual é preciso que nos situemos para interpretá-lo, em nome de quê o referido folheto interpela o leitor, em função de qual finalidade ele foi organizado. (*grifo do autor*)

A cena genérica está associada a um tipo *relativamente estável de enunciado* (BAKHTIN, 2003 [1979], p.265), ou seja, a um gênero discursivo. Afinal, o enunciatório – ou co-enunciador – lê, escuta, tateia ou gesticula efetivamente não com tipos discursivos, mas com enunciados concretos.

Já a cenografia é aquilo com o qual o enunciatório se depara diretamente, é uma espécie de cilada, aquilo que leva “o quadro cênico a se deslocar para o

segundo plano” (MAINGUENEAU, 2005 [1998] p.87).

Tomemos como exemplo o trabalho da imprensa paraibana na cobertura sobre os julgamentos do Governador de Estado nas acusações que caem sobre este de crime eleitoral: vamos deparar-nos com uma cena englobante: a política, que é colocada em enunciados relativamente ligados ao jornalismo – a sua cena genérica – mas é encenada, em alguns casos, como informação, notícia neutra, análise de panorama, quando, na verdade, é a tomada de posição partidária, e, certas vezes, propaganda, bajulação, defesa ou ataque de – ou a – um grupo político.

A cenografia do discurso relatado

Se a enunciação de um discurso qualquer requer todos esses elementos, por que um discurso relatado não requereria? O dialogismo bakhtiniano já nos faz crer em uma circulação de discursos na sociedade, em que vários sujeitos tomam suas posições a partir de enunciados já ditos. Com efeito, ao se relatar um discurso de outrem, constrói-se uma cenografia ao mesmo tempo em que se retoma a cenografia do discurso relatado, já que este também tem a sua.

Volochinov (2006 [1929], p.150), conforme citamos anteriormente, já dizia que o discurso relatado é, ao mesmo tempo, um discurso no e sobre um discurso. Ancorada nisso, Authier-Revuz (1998, p.146-147) propõe a inserção de e, sit, tempo, lugar, l, r e m – ou seja, respectivamente: ato de enunciação relatado, situação, tempo, lugar, enunciador, co-enunciador e mensagem do ato relatado – em SIT, que é situação enunciativa que envolve E, ato de enunciação relator, em que estão ainda: L, R e M – enunciador relator, enunciatório e mensagem de E, respectivamente.

Sobre SIT, é importante colocar que consta no quadro de Authier-Revuz (1998, p.146) uma “infinidade de dados sobre o mundo, entre os quais o ato de enunciação e, ao qual M se refere”.



Se a cenografia constitui “um deslocamento do quadro cênico a um segundo plano” (MAINGUENEAU, 2005 [1998], p.87), com o qual o co-enunciador se depara diretamente, aferimos que R se depara com uma cenografia construída em E. Ela é constituinte de SIT ao lado do próprio e, que, por sua vez, também é envolvido por cenografia.

Para entendermos melhor, verifiquemos como Volochinov sugere a apreensão do discurso relatado:

Toda a essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no *discurso interior*. Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de *palavras interiores*. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar de ‘fundo perceptivo’, é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera junção com o discurso apreendido no exterior. A palavra vai à palavra. (2006 [1929] p. 153-154)

O discurso interior é a orientação ativa do falante. Apesar de ser interior, não entendamos com aspectos subjetivistas e psicologizantes, mas como uma instituição discursiva que um ser forma ao longo da vida a partir de seu contato com o mundo. A cada nova apreensão, aquilo que ele já sabe interage com o novo, apreendendo-o. Os discursos que vêm do exterior não só passam como deixam elementos, idéias, sentimentos, noções de vida. Diante de novos contatos, então, outros discursos adentrarão nesta formação que um ser tem a partir do contato social.

Existem, então, dois planos de apreensão: a réplica e comentário efetivo, que são separáveis apenas abstratamente e objetivam-se no contexto narrativo que engloba o discurso citado. É comum que um deles seja dominante.

O objetivo verdadeiro da pesquisa acerca do DR é a interação dinâmica

entre o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo, pois, na verdade, “eles têm uma só existência real, só se formam e vivem através da inter-relação, e não de maneira isolada. O discurso citado e o contexto de transmissão são somente os termos de uma inter-relação dinâmica.” (VOLOCHINOV, 2006 [1929] p.154)

Retomando o exemplo dos julgamentos do Governador paraibano, o discurso relatado – a transmitir – é o político-partidário: o fato da cassação do Governador juntamente com o posicionamento que o enunciador tem diante do fato; o discurso que serve para transmiti-lo – o contexto de transmissão – é o jornalismo. Volochinov (2006 [1929], p.154-155) observa que eles têm um no outro a existência real, a separação é abstrata, logo, presume-se que é impossível relatar o discurso a transmitir sem que haja uma interação com o que o transmite. Assim, quem relata transforma, constitui um novo discurso, uma nova enunciação, um novo sentido, que, com comentários e réplicas do discurso relatado, não é, portanto, um mero canal neutro.

A interorientação entre o discurso relator – citante ou narrativo – e o discurso relatado possui três dinâmicas: estilo linear, estilo pictórico – nestas há um domínio do discurso relator sobre o relatado – além de um terceiro estilo, em que o discurso relatado é dominante.

“A tendência principal do estilo linear é criar contornos exteriores nítidos à volta do discurso citado” (VOLOCHINOV, 2006 [1929], p.156). Acerca do discurso de outrem, visa-se “à conservação da sua integridade e autenticidade. A língua pode esforçar-se por delimitar o discurso citado com fronteiras nítidas e estáveis” (VOLOCHINOV, 2006 [1929], p.155).

O estilo linear parece com algumas das formas marcadas unívocas que não possuem trabalho interpretativo, classificadas por Authier-Revuz (1998, p.143). Entretanto não se trata de uma





equiparação de conceitos, visto que Volochinov estuda a apreensão – e sua dinâmica – do discurso relatado, enquanto a lingüista francesa parte para a classificação na língua. Pode-se, porém, perceber um embasamento da teoria mais recente nos estudos do membro do círculo bakhtiniano.

Já no estilo pictórico, a língua elabora, com mais sutileza, meios versáteis, a fim de permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem. “O contexto esforça-se por desfazer a estrutura compacta e fechada do discurso citado, por absorvê-lo e apagar as suas fronteiras”. (VOLOCHINOV, *op. cit.* p.156). Com efeito, aqui se sugere, e não se classifica, como faz Authier-Revuz: *as formas marcadas que exigem um trabalho interpretativo* (1998, p. 143) podem até – algumas delas – compor tal estilo, mas não são todos os conjuntos de aspas, itálicos, modalização autonímica etc. que se classificam como tal.

Aqui se encontra o ponto para a inclusão da cenografia na situação enunciativa. Volochinov diz:

“Encontra-se igualmente, no quadro dessa segunda orientação, uma variedade de tipos. O narrador pode deliberadamente apagar as fronteiras do discurso citado, a fim de colorir-lo com as suas entoações, o seu humor, a sua ironia, o seu ódio, com o seu encantamento ou o seu desprezo.” (2006 [1929] p.157)

Com efeito, nesta segunda orientação, enquadra-se uma série de tipos discursivos que circulam na mídia, em que o veículo de comunicação não apenas informa, mas comenta o fato. Assim é a essência da propaganda, que não só apresenta o produto, como o colore, enfeita, preenche de qualidades. É neste colorir ao qual Volochinov se refere em que encontramos um elo com a cenografia, comentada por Maingueneau (2005 [1998]). Não seria esta recriada

pelo discurso relator (narrativo), a fim de proferir o discurso de outrem? O discurso relatado, quando realizado anteriormente, ou seja, quando ainda era construído, teve, além da própria enunciação, uma cena construída por um enunciador I e pela própria e. Quando este discurso é relatado, um novo enunciador é quem elabora a cena para sua enunciação e, conseqüentemente, para a enunciação de outrem. Com efeito, no estilo pictórico, a inserção de comentários e réplicas pode ser percebida pelos apagamentos das fronteiras do discurso citado, os quais são realizados também com o intuito da criação de uma nova cenografia para o discurso.

Assim, a cenografia – bem como toda encenação – é o elemento que um enunciador consegue inserir na situação enunciativa, já que diversos outros dados não estão ao alcance controlador do ser que enuncia. A cenografia estaria inserida, dentro do quadro proposto por Authier-Revuz (1998, p. 146), na situação enunciativa.

Na dinâmica do discurso relatado, a encenação que é feita em E é diferente da que é feita em e, logo, aludindo ao nosso exemplo, uma coluna política de um analista da área, pode tomar o discurso de outrem, o veredicto de um tribunal, e transformá-lo em uma crítica pessoal infundada, em injustiça. Com efeito, tal processo acontece, porque, ao relatar o discurso outro, em vez de encená-lo conforme este fora antes, dá-se uma nova cena.

Considerações finais

A dinâmica da circulação discursiva não é simples, a do discurso relatado, então, ainda é mais complexa. Percebemos que a cenografia tem sua ação efetiva no estatuto da situação enunciativa – SIT – do ato de enunciação relator, constituindo a *infinidade de dados*



comentada por Authier-Revuz (1998, p.146). Um detalhe a ser levado em consideração é que a cenografia, apesar de o enunciador não exercer controle absoluto, não é inconsciente. Com efeito, ao se relatar um discurso, sua realidade é transfigurada: além de signos e momento de enunciações diferentes, o cenário composto, para ambientar tanto a enunciação relatora quanto a relatada, coopera para essa ressignificação do discurso.

REPORTED SPEECH SCENES: THE RELATION BETWEEN THEORIES

ABSTRACT

This paper is about two theories: the speech scenes, as proposed by Dominique Maingueneau (1997 [1987]; 1996 [1990]; 2005 [1998]; 2006), and the enunciative heterogeneity, proposed by Jacqueline Authier-Revuz (1982; 1998), besides the intersectional points between both theories, with the objective of a study of the dialogic perspective of language. The most important reflection is about the inclusion of the scenes into the elements of the speech global context (SIT) in ordinary speeches and in reported speeches. This connection will be showed in the dialogue with the members of the bakhtinian circle of studies: Mikhail Bakhtin (2003 [1979]) and Volochinov (2006 [1929]).

Keywords: enunciation, speech, scenes.

Artigo submetido para publicação em: 18/05/2010

Aceito em: 20/10/2010

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. (1982) Hétérogenéité montrée et hétéronéité constitutive: éléments pour une approche d l'autre dans les discours. **DRLAV**, 26, p.91-51.
- _____ (1998) **Palavras Incertas**: as não-concidentes do dizer. Tradução de Eni Orlandi (coord.). Campinas: Editora da Unicamp.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. (2003 [1979]) Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BENVENISTE, E. (1995 [1958]) Da Subjetividade na linguagem. In: **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria Glória Novak e Maria Luíza Neri. 4 ed. Campinas: Pontes.
- CARDOSO, S.H.B. (1999) **Discurso e ensino**. Belo Horizonte: Autêntica.
- CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. (2006) **Dicionário de Análise do Discurso**. Tradução de Fabiana Komesu (coord.). 2 ed. São Paulo: Contexto.
- DUCROT, O. (1984) *Le dire et dit*. Paris: Minuit.
- FLORES, V. & TEIXEIRA, M. (2005) **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto.
- FOUCAULT, M. (1987 [1969]) **A arqueologia do saber**. Tradução de Luís F. B. Neves. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- MAINGUENEAU, D. (1997 [1987]) **Novas Tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky. 3 ed. Campinas: Pontes.
- _____ (1996 [1990]) **Elementos de linguística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes.





- _____ (2005 [1998]) **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Maria Cecília Pérez Souza-e-Silva e Décio Rocha. 4 ed. São Paulo: Cortez.
- _____ (2006) **Cenas da Enunciação**. Tradução de Maria Cecília Pérez Souza-e-Silva e Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições.
- MORATO, E.M. (2005) O interacionismo no campo lingüístico. In: BENTES, A.C. & MUSSALIM, F. (orgs.) **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. Volume 3. 2 ed. São Paulo: Cortez.
- PÊCHEUX, M. (1969) **Analyse automatique du discours**. Paris: Dunod.
- SAUSSURE, F. (1969 [1916]) **Curso de linguística geral**. Tradução de A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP.
- VOLOCHINOV, V.N. (2006 [1929]) **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud *et al.* 12 ed. São Paulo: Hucitec.